

SANDRA REGINA GOULART ALMEIDA

ENTREVISTA ¹



Sandra Regina Goulart Almeida é formada em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais, Mestre e Doutora pela University da Carolina do Norte em Chapel Hill. Possui Pós-doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Columbia,

em New York, e pela UFSC. É Professora Titular da área de Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq (1C) e foi bolsista do Programa Pesquisador Mineiro da FAPEMIG. Atualmente exerce o cargo de Reitora da Universidade Federal de Minas Gerais, tendo sido Vice-Reitora da instituição, gestão 2014-2018. Sandra é membro titular do Conselho Curador da FAPEMIG, do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social do Governo de Minas Gerais e do Conselho

¹ Entrevista concedida a Natália Fontes de Oliveira em junho de 2020.



Consultivo da Presidência da Assembleia Legislativa de Minas Gerais. Recebeu a Grande Medalha da Inconfidência, a Medalha João Guimarães Rosa e a Medalha Amigos da Marinha. É Cidadã Honorária de Belo Horizonte, título concedido pela Câmara de Vereadores da cidade. Atua na área de Literatura Comparada e Literaturas de Língua Inglesa, pesquisando principalmente os seguintes temas: literatura contemporânea, literatura pós-colonial, tradução cultural, literatura produzida por mulheres, crítica literária feminista, estudos da diáspora e do espaço na literatura contemporânea. Entre suas publicações destacam-se:

ALMEIDA, Sandra. R. G.; GAZZOLA, Ana Lucia Almeida (Org.); DUARTE, C. L. (Org.). *Gênero e representação em literaturas de língua inglesa*. Belo Horizonte: UFMG, 2002. v. 4. 126p.

ALMEIDA, Sandra. R. G.. *Perspectivas transnacionais*. Belo Horizonte: ABECAN/Faculdade de Letras/UFMG, 2005. 302p.

ALMEIDA, Sandra. R. G.; DINIZ, Dilma Castelo Branco (Org.); SANTOS, José dos (Org.). *Migrações teóricas, interlocuções culturais: estudos comparados (Brasil/Canadá)*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009. 264p.

WALTY, Ivete (Org.); CURY, Maria Zilda (Org.); ALMEIDA, Sandra. R. G. (Org.). *Mobilidades culturais: agentes e processos*. Belo Horizonte: Veredas & Cenários; PUC MINAS, 2009. 338p.

ALMEIDA, Sandra. R. G.; GONÇALVES, Gláucia Renate (Org.); PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira (Org.); RODRIGUES-JÚNIOR, Adail Sebastião (Org.). *New challenges in language and literature*. Belo Horizonte: FALE-UFMG/ABRAPUI, 2009. v. 1. 382p.

ALMEIDA, Sandra. R. G.; DUARTE, Constância Lima (Org.). *Em Tese: Mulheres em letras e perspectiva de gênero*. 17. ed. Belo Horizonte: Pós-Lit/Fale/UFMG, 2011. v. 1.

ALMEIDA, Sandra. R. G.; GALERY, Maria Clara Versiani (Org.); PENNA, Sílvia Maria de Oliveira (Org.). *Deslumbrante dialética: o Brasil no olhar de Elizabeth Bishop*. Belo Horizonte: Fale/UFMG; ICHS/UFOP, 2012. 190p.

ALMEIDA, Sandra. R. G.. *Cartografias contemporâneas: espaço, corpo, escrita*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2015. v. 1. 220p.

NATÁLIA FONTES DE OLIVEIRA: Prezada Professora Sandra Regina Goulart Almeida, ficamos muito honradas de contar com sua entrevista para o presente número da *Revista Jangada* | nr. 15, jan/jun, 2020 | ISSN 2317-4722



Jangada. Gostaria de iniciar perguntando-lhe o que vem à mente quando dita a expressão “Coisa de mulher”, título desse dossiê?

SANDRA REGINA GOULART ALMEIDA: Primeiramente, eu gostaria de agradecer. Para mim é uma grande honra poder conversar com vocês e fazer parte da entrevista para a *Revista Jangada*. Eu gostei do título “Coisa de Mulher”. Acho que é um título que pode ser considerado de certa forma irônico, pois estamos culturalmente acostumados a pensar em “coisas de mulher” como sendo coisas inferiorizadas. Daí a expressão: “Ah, isso é coisa de mulher!”, que faz referência a algo que não deve ser levado a sério, um estereótipo de nossa cultura. Ao dar o título “Coisa de Mulher” ao dossiê vocês, de certa forma, invertem o sentido da expressão que passa a fazer referência a algo importante, relevante para nosso contexto, dedicado a discutir temas e assuntos atuais relacionados à mulher. Esse título também lembra um poema do qual gosto muito, um cordel de Salete Maria da Silva em que está escrito que lugar de mulher é onde ela quiser. No poema a autora faz algo muito interessante que acho ser o mesmo propósito de vocês ao chamarem o dossiê de “Coisa de mulher”. De acordo com a autora, o termo “lugar de mulher” sempre foi usado tradicionalmente para designar aquele lugar ou espaço delimitado, no qual a mulher deve permanecer ou estar confinada. Diferentemente do lugar público, o “lugar de mulher” é, geralmente, um local privado. A cordelista constrói todo argumento contrário a isso quando fala: *lugar de mulher é dentro mas também pode ser fora. Lugar de mulher é centro que a margem não ignora. Lugar de mulher é leste, norte, sul, também oeste. De noite, tarde, aurora. De minha perspectiva mulher não tem um lugar, onde quer que sobreviva pode ser seu habitat. Lugares existem Zil*. Seguindo esse mesmo raciocínio acho que é isso que podemos fazer com o termo “coisas de mulher”, já que não existe uma coisa que é só da mulher, são várias as coisas e todo assunto é assunto de mulher. A mulher pode falar sobre o que ela quiser, argumentar sobre qualquer tema. São inúmeras possibilidades. Nesse sentido, acho interessante a escolha do título e a proposta de reverter uma expectativa culturalmente considerada lógica.

NATÁLIA: Sandra, você é a atual Reitora da Universidade Federal de Minas Gerais. Como é ser mulher no cargo mais alto de uma das mais bem-conceituadas instituições de ensino superior no Brasil e no exterior? Como você vê a importância de haver mulheres ocupando espaços na política, especialmente aquelas que atuam no campo das Humanidades?



SANDRA: Essa é uma questão que considero ser primordial para mim, ou seja, estar em uma posição em que poucas mulheres conseguiram ocupar no Brasil. Somos entre 17 e 19 mulheres Reitoras em um contingente de 63 universidades federais. Esse é um número ainda muito reduzido e o percentual diminui ainda mais ao observarmos as demais universidades da América Latina e de outros países. Para mim é muito importante me identificar com esse lugar. Sou uma Reitora e faço questão de assumir esse lugar de fala, que é o lugar de fala de uma mulher, isso pra mim é fundamental. Procuo fazer dessa posição um lugar ainda mais significativo por ser um lugar político. Você mencionou uma coisa importante, esse espaço das Humanidades. Grande percentual de mulheres universitárias estão nas áreas da Saúde ou das Humanidades, então, nada mais natural que as reitoras tenham essa formação acadêmica. Isso se vê claramente. Ser uma pessoa da área de Humanas e ocupar a posição de Reitora, mesmo em momento tão difícil como o que vivemos, não é apenas uma honra, mas é também uma oportunidade de dar visibilidade ao trabalho de várias mulheres que me antecederam na UFMG. Nossa universidade é pioneira, pois sou a terceira Reitora da instituição. Se você observar, somente em 2019 a UFRJ teve a primeira mulher ocupando o cargo máximo da instituição. Dessa forma, a UFMG avançou nesse sentido, já que muitas universidades ainda não tiveram mulheres ocupando o cargo na Reitoria. Por isso, considero esse lugar de fala tão importante. É um lugar em que posso dar visibilidade às mulheres e faço questão de fazê-lo, assim como também a oportunidade de dar visibilidade a um campo que tem sido muito atacado recentemente, o campo das Humanidades, fundamental para a construção do pensamento crítico e de uma consciência crítica que foram as bases para a fundação das universidades ao longo de tantos anos. Vejo essa posição não só como uma oportunidade de servir de modelo para muitas mulheres, mas também de atuar nesse campo de construção do conhecimento que para mim é tão importante. Agregado a isso, é preciso lembrar que sou uma pessoa que vem de uma trajetória de estudos feministas, estudos de gênero. Dar essa visibilidade, falar desse lugar, colocar sempre essa questão, em um mundo ainda muito machista, sexista, para usar um termo mais recente que entrou na língua portuguesa, faz parte da minha luta diária, não só minha, mas de mulheres que se encontram na mesma situação.

NATÁLIA: Com base em suas pesquisas sobre as novas diásporas na literatura contemporânea de expressão inglesa, como se dão as experiências das mulheres e de seus corpos na interação com o novo espaço, com a cidade cosmopolita e o lar deixado para trás?



SANDRA: Uma das primeiras coisas que a gente precisa considerar, e digo isso sempre, é a multiplicidade pelo que se entende do ser mulher. Eu gosto do termo no plural, “mulheres”, pois ele abre espaço para várias possibilidades. Há toda uma questão relacional que deve ser levada em consideração. Nós somos muito diferentes e as relações de poder com as quais convivemos são diversas e dependem de várias questões, entre elas: questões de classe, de raça e etnicidade, questões idade, questões de contexto. Então, eu como mulher branca, que estou ocupando o cargo de Reitora em uma universidade pública, em num contexto relativamente intelectualizado, vivo em uma situação de certa forma privilegiada em comparação com uma mulher negra, que hoje vive em uma favela, e enfrenta situações de poder muito complicadas. Isso tem que ser levado em consideração. São muitas as mulheres e são muitas as diferenças entre nós, ainda mais, no contexto contemporâneo que era de grande mobilidade o que se reverteu diante das restrições advindas pela Covid-19. O que gostaria de ressaltar é que as experiências das mulheres são experiências plurais e, apesar disso, não deixam de apresentar a marca de um certo preconceito, não importa a origem. Claro que ele é relacional, como eu disse, mas há sempre essa marca de um certo preconceito que depende, claro, desse contato com o espaço. A questão do espaço é uma questão de pesquisa relevante para mim. Trabalho a representação do espaço e da mulher nesses espaços. Geralmente são espaços cosmopolitas, da cidade contemporânea, que é uma cidade extremamente dividida, muito segregada em termos de espaços sociais delimitados, espaços em que as pessoas não transitam livremente como se esperaria. Dessa forma, a questão de gênero é uma questão presente e muito forte nesses espaços, assim como também é a questão da mobilidade.

NATÁLIA: Você finaliza o seu mais recente livro *Cartografias Contemporâneas: espaço, corpo, escrita*, com a reflexão sobre como o imigrante se tornou um fetiche. Qual o perigo de abordagens estereotipadas e generalizadas?

SANDRA: É extremamente preocupante, acho que foi isso que eu quis dizer nesse último capítulo. Nós, que ocupamos uma posição intelectual e de reflexão crítica na sociedade temos que estar sempre atentos. Gayatri Spivak é uma crítica indiana e autora com quem trabalho há alguns anos e já traduzi algumas obras. Ela fala muito sobre o fato de termos consciência do espaço que ocupamos e de que esse espaço tem que ser crítico no sentido de atentar e evitar abordagens estereotipadas ou generalizadas em todos os contextos. Eu dei um exemplo, na pergunta anterior, ao mencionar que prefiro o termo “mulheres” no plural. A mulher, no



singular, nos leva a um conceito extremamente complicado e a um contexto da mulher no sentido idealizado. Podemos falar de várias mulheres, várias experiências das mulheres, sem que usemos uma configuração estereotipada ou mesmo generalizada. Dessa forma, evita-se o risco do estereótipo e da generalização, e justamente o de abandonar uma perspectiva crítica. Temos que sempre estar atentos e acho que a literatura ajuda muito ao nos colocar em contato com vários outros e várias outras perspectivas de homens, mulheres, a exemplo do meu trabalho com literatura de autoria feminina e das várias perspectivas e contextos possíveis sem que se possa pensar de maneira generalizada sobre uma identidade, ou um contexto único de vivência das mulheres.

NATÁLIA: Podemos observar uma onda de conservadorismo que vem ganhando força no Brasil e no mundo. Em sua opinião, qual seria o papel da literatura na reivindicação de direitos sociais e, da literatura e da crítica literária em suas interseções com o pensamento e as culturas políticas contemporâneas?

SANDRA: Sim, é fato. Vivemos em um momento de grande conservadorismo. Contudo, é interessante ao pensarmos na literatura e na crítica literária feminista, pois esse é um momento que eu diria que é libertador para a literatura de autoria feminina. Se por um lado vivemos um contexto muito conservador, por outro, acho que vivemos um momento em que a produção é muito grande, não só a produção da literatura escrita por mulher, mas de muitas mulheres que se identificam com a causa feminista, que se veem como feministas e que defendem o direito das mulheres. Veio o movimento *MeToo* e outros movimentos da mesma natureza que se juntam politicamente para conclamar os direitos e possibilitam que mulheres defendam, critiquem e venham à frente falar de suas situações. Dessa forma, ao mesmo tempo em que há movimentos conservadores, temos também o contrário, movimentos de conscientização das pessoas. Esse é um momento de grande percepção do contexto em que vivemos, conservador, machista, mas que manifesta uma necessidade de unir forças para defender uma outra perspectiva de sociedade na qual acreditamos. Diante dessa situação percebemos o papel da literatura e da crítica literária que é justamente propor uma reflexão crítica sobre o nosso momento. Ricardo Piglia falava sobre isso, que a literatura é nosso confronto com o outro, é quando estamos diante de um outro que nos fazer pensar como outro e sair da nossa redoma, do nosso lugar de conforto, para viver outras experiências que são construídas por outros sujeitos, em outros contextos. Esse é um movimento crítico e de reflexão crítica extremamente importante, ainda mais quando nos



deparamos com movimentos de conservadorismo. A literatura é um alento. Ela traz essa perspectiva crítica, essa reflexão. Você lê um livro e fica pensando durante dias: “o que o autor quis dizer”, “o que essa narrativa está querendo me mostrar”, “como eu posso interpretar” ou “como eu posso ler” essa história. Isso é muito importante e faz parte do nosso convívio social trabalhar com a proposta de uma reflexão crítica.

NATÁLIA: Em dezembro de 2019, você coordenou as discussões sobre Universidade, Humanidades e Direitos Humanos na 2ª Conferência Internacional das Humanidades na UFMG. Por favor, comente sobre a relevância e a repercussão do evento.

SANDRA: Foi um evento espetacular. Na primeira conferência das Humanidades trabalhamos muito a questão de território e o sucesso foi tão grande que fizemos a segunda edição do evento. Esperamos ter oportunidade de realizar o terceiro evento com foco em pensar as Humanidades em interseção com vários outros aspectos, justamente no momento em que a área é atacada, não apenas no Brasil, mas em várias partes do mundo. Considero essa reflexão extremamente relevante e atual, ou seja, pensar no que as Humanidades podem nos trazer como base para o desenvolvimento do pensamento crítico e da reflexão crítica. Todas as áreas de conhecimento são importantes, mas não podemos abrir mão das Humanidades em nosso contexto e, mais ainda, nesse momento, pois ela nos traz justamente a possibilidade de interação com outros saberes, de reflexão crítica, de pensar no Humano. Como o próprio nome já diz, é a percepção do Humano e, mais do que nunca, precisamos trabalhar com essa percepção. Sou uma grande defensora e acredito que não se pode construir um país ou uma civilização sem pensar no contexto das Humanidades. Como eu disse, essa foi a base da construção das universidades no Brasil, a partir das reflexões sobre o humano, sobre a condição humana. Mais do que nunca, neste momento, precisamos das Humanidades para nos ajudar entender o nosso mundo e para que possamos obter respostas em um momento cada vez mais complexo.

NATÁLIA: Em *Can the Subaltern Speak?* Gayatrik Spivak discute a falta de relato da prática de Sati, levando-a a refletir sobre se o subalterno pode mesmo falar. Spivak escreve sobre o processo de foco no sujeito eurocêntrico, enquanto esses desmerecem o problema da representação e, assim, o subalterno torna-se anônimo e mudo. Você traduziu a obra de Spivak para o português, com título *Pode o subalterno falar?* Você acredita que, em nossa sociedade



brasileira, temos esse espaço para o subalterno falar? Conseguimos instaurar alguma forma de diálogo em que não só falamos, mas ouvimos também?

SANDRA: Esse é o argumento da Spivak, quando ela diz que o subalterno não pode falar, não está dizendo que não fala; ele fala, mas ela partiu de uma perspectiva bastante dialógica no contexto de Bakhtin na qual para você falar, alguém tem que te ouvir e tem que haver uma interação. Essa é a primeira questão. A outra questão abordada pela autora é que o subalterno não fala porque outros falam por ele. Nesse ponto, chama a atenção para o papel dos intelectuais e das intelectuais que falam pelos subalternos ao invés de permitir que os subalternos falem. O que Spivak diz no texto e em vários outros textos de sua autoria é que se tornou necessário criar condições para que: quando o subalterno falar (para a autora, o subalterno geralmente é uma mulher), nós tenhamos condições não apenas de ouvi-la, mas também de fazer com o que ela diga e possa ser escutada, que possa fazer diferença em termos de ação. Esse é o principal argumento, a questão de ouvir e ser ouvido, que também é uma questão de responsabilidade. Como intelectuais, pessoas que pensam sobre questões críticas, temos responsabilidade. A autora usa repetidamente esse termo. Em outros textos, não nesse livro especificamente, ela fala de uma responsabilidade ética que nós temos para com o outro, que se traduz justamente nessa abertura para o outro, para essa escuta, para essa disponibilidade de fazer com que o outro possa falar. Isso é difícil, não é fácil, não resta a menor dúvida! Porque é necessário desenvolver toda uma dinâmica para que nós possamos ouvir. É mais fácil que falemos pelo outro. Um exemplo citado por Spivak é de Michel Foucault, um intelectual que fala pelo outro. A autora também cita vários críticos que fazem o mesmo, ou seja, falam pelo outro, mas esse não é o ideal, segundo ela. Nós, intelectuais, fazemos isso agindo de muita boa vontade, com o intuito de defender os direitos do outro, mas o que Spivak defende é que precisamos criar condições para que o outro possa falar por si e, dessa forma, que sua fala possa gerar ações contundentes. Não é fácil. Trata-se de uma construção que tem que ser feita conjuntamente e que precisa ser construída.

NATÁLIA: Como pesquisadora, professora sobre feminismo e literatura de autoria feminina e Reitora da UFMG, como você vê a ampliação do debate em torno da cultura sexista no Brasil? Pode-se observar uma mudança nas grades curriculares?



SANDRA: Veja bem, eu comecei a dar aulas sobre literatura de autoria feminina na década de 1990, quando retornei dos EUA. Naquela época eu já ministrava cursos sobre o tema porque minha tese teve como temática as escritoras Virginia Woolf e Clarice Lispector. Dessa forma, trouxe para o Brasil o tema da autoria feminina em um momento que poucas pessoas falavam sobre o assunto. E isso era visto de forma muito estranha, o fato de ofertar cursos com a temática da autoria feminina não era padrão, não era nem mesmo considerado normal. Contudo, hoje vejo com muita alegria que a temática já faz parte da grade curricular do curso de Letras em várias universidades e que temos maior número de pessoas desenvolvendo trabalhos na área. Vejo que hoje, a literatura de autoria feminina é algo que despertou um grande interesse de pessoas mais jovens. Há o GT Mulher e Literatura que atua desde da década de 1980 fazendo um trabalho excepcional em várias universidades do Brasil. O mais importante é que temos uma gama enorme de escritoras produzindo no momento. Houve também o resgate de escritoras que antes não conhecíamos e cujos trabalhos estão sendo descobertos. Então, como uma pessoa que, desde da década de 1980, vem trabalhando com o tema, considero esse momento como sendo de grande vigor em termos da literatura de autoria feminina. Vejo isso com enorme satisfação e acho que o que observamos acontecer agora só tende a se ampliar.

NATÁLIA: No momento dessa entrevista, o mundo enfrenta a pandemia do Covid-19 e, no Brasil, o número de vítimas cresce a cada dia. Sabemos que um grande número de brasileiros se encontram em situações extremamente delicadas e com diversas dificuldades. Para as pessoas que buscam a literatura nesses tempos sombrios, quais leituras você recomendaria?

SANDRA: Primeiro, eu gostaria de mencionar que realmente são tempos muito difíceis. E, veja bem, estudos já mostram que as mulheres serão as mais impactadas pela doença, por diversas razões. Uma delas é devido à carga de responsabilidade que, neste momento de pandemia, acaba ficando maior para as mulheres. Há estudos que mostram que a produção intelectual das mulheres está diminuindo diante do aumento no número de casos da pandemia porque a mulher, além de enfrentar uma dupla jornada de trabalho, é geralmente a maior responsável pelo trabalho doméstico, uma realidade muito comum no Brasil. Há também o fato de que a Covid-19 atinge, sobretudo, os mais vulneráveis de uma população. Nós temos um processo que chama “feminização da pobreza”, há um grande número de famílias que são lideradas por mulheres e que vivem em situações extremamente difíceis, que dependem do trabalho das mães de família para sustentar os filhos. Em um momento em que o desemprego só aumenta, já que as pessoas



precisam ficar em casa, muitas mulheres tornam-se vulneráveis e expostas, pois não podem ficar em casa. Então, acho esse um momento muito triste, angustiante, e que certamente terá um impacto muito grande na vida das mulheres. Para quem pode ficar em casa, que tem esse tempo e uma condição melhor, eu sugeriria algumas leituras, por exemplo, um livro que acabei de ler recentemente de Maria Valéria Rezende e que me tocou muito intitulado *40 Dias*, da mesma autora tem também o *Carta à Rainha Louca*. Esses são livros que me tocaram profundamente e que nos levam a pensar sobre as condições das mulheres no século XIII. Cito também a obra da Chimamanda Adichie traduzida para o português. São dois livros pequeninhos que eu acho imprescindíveis. Um deles é *Sejamos todos feministas* um livro em que a autora clama: olha, ser feminista, todos nós, os homens, as mulheres, todos deviam ser feministas que é lutar para melhores condições de vida da população. O outro é *Como educar crianças feministas* que segue no mesmo tom. Ambos são ensaios curtos. Entre os romances, gosto muito de *Hibisco Roxo* e *Americanah*. Todas as obras da autora são bem interessantes e abordam essa questão das mulheres em outros contextos. Para finalizar, eu sugerira um livro da Margaret Atwood, *O Conto da Aia*, que se transformou em uma minissérie muito conhecida, e que foi escrito na década de 1980. Em muitas de minhas aulas utilizei essa obra em que a autora apresenta um mundo distópico, que se tornou bastante conservador, no qual as mulheres são vistas apenas como fonte de procriação. É uma distopia difícil de encarar, não é nada fácil. Há também *Testamentos* da mesma autora. Esse é um livro importante que nos faz pensar o momento de conservadorismo que você mencionou e que realmente nos preocupa. Não acredito que acontecerá o que acontece no livro, mas é preciso que estejamos vigilantes. Como diz a Spivak, é importante que nós estejamos vigilantes mais do que nunca.